

# ENRIQUE GÓMEZ-CORREA: EM BUSCA DA EMANCIPAÇÃO DO SER HUMANO

Robert Ponge

Em 1915, em Talca, cidade encravada na zona central e vulcânica do Chile, nasce Enrique Gómez-Correa com, conta ele, o *M* de Mandrágora “gravado em caracteres de fogo, no mais profundo de [seu] ser”. Em 1932, na escola secundária local, conhece Braulio Arenas e Teófilo Cid. Além de publicarem seus primeiros poemas na revista *Total*, de Vicente Huidobro, os três amigos começam a discutir a formação, como ele próprio coloca, de um movimento “cujo objetivo era a emancipação total do ser humano”. Seus esforços encontram sua concretização em 1938, ano que vê a fundação do grupo Mandrágora e o início da publicação homônima (sete números até 1943), “órgão do movimento surrealista chileno”, ao qual aderem Jorge Caceres, Enrique Rosenblatt, J. Sanchez Peláez, entre outros. No seu processo de formação, Mandrágora manifesta de forma clara, definida e corajosa, sua adesão à causa da República Espanhola bem como seu repúdio ao fascismo, ao nazismo e ao stalinismo (é, vale lembrar, a época dos Processos de Moscou).

Bacharel em direito, ensaísta, tradutor, Enrique Gómez-Correa inicia, em 1940, com *Las hijas de la memoria*, a publicação de coletâneas de poemas “nos quais seu lirismo torrencial, vulcânico, confere à escritura automática a majestade e amplidão dos grandes fenômenos naturais” (E. Jaguer). De 1949 a 1951, vive em Paris onde integra-se ao grupo surrealista local, tornando-se muito amigo dos pintores Victor Brauner, Enrico Donati, Jacques Hérold, René Magritte, entre outros, que ilustram seus livros. No seu regresso ao Chile, escreve o poema *Reencuentro y pérdida de la Mandrágora*. Permanece então em silêncio por quase dez anos. Acolhe o sangrento golpe de setembro de 1973, que instala no poder a ditadura de Pinochet, com o mesmo repúdio que, nos anos 30, expressou em relação a Hitler, Franco e Stalin. No mesmo ano publica o poema *El calor animal*, composto de 99 fragmentos, no qual, segundo suas próprias palavras, a alquimia o leva “às zonas do erotismo como forma de protestar contra as taras de um mundo cuja moral rasteja na lama”; publica ainda o poema *Zonas eróticas* e, motivado pelo falecimento de sua mãe, *Madre tiniebla*. Absolutamente desprovido da ânsia de publicar por publicar, volta a um período de silêncio, apenas quebrado por uma “Homenagem” ao pintor

Mayo. Desde 1985, luta com toda a sua energia contra o câncer que o mantém permanentemente acamado. Publica então *La pareja real* (1985), *Frágil memoria* (1986), *El nombre de Pilla o El anillo de Mandrágora* (1991) e, em 1992, *Los Pordioseros* (volume que também inclui *El peso de los años*, *El Árbol del Pensamiento*, *La mano enguantada*), os três últimos com ilustrações de Eugenio F. Granell.

Embora já datem de alguns anos, continuam atuais as palavras de Stefan Baciú, autor da *Antología surrealista de la poesía latinoamericana*, a seu respeito:

Puramente surrealista em 1937, quando escreveu *La violencia*, Gómez-Correa continua surrealista até hoje. É um dos dois ou três poetas que ainda o são na América Latina, desde o falecimento de Breton. E, talvez, seja o único genuíno”.